

O princípio do “logo se vê”

Nuno Severiano Teixeira, *Público*, 4 de março de 2026

A comparação é inevitável. Em 2003, antes da invasão do Iraque, Bush fez tudo, o que podia e o que não podia, para justificar a intervenção militar. Chegou, mesmo, a enviar o Secretário de Estado Colin Powell às Nações Unidas para explicar ao mundo que Saddam Hussein escondia um perigoso arsenal de armas de destruição maciça. Que na verdade nunca existiu.

Em 2026, Trump falou vagamente do programa nuclear e dos mísseis balísticos iranianos, mas ignorou a ONU e não se preocupou sequer em justificar os ataques ao Irão. Não justificou na guerra dos doze dias, em 2025, e voltou a não justificar, agora, no ataque de 28 de fevereiro. É essa a diferença entre uma ordem internacional assente no primado da lei e outra ordem internacional baseada no primado da força. É que na primeira, mesmo quando o uso da força é ilegal, procura inventar uma legitimação através da lei. Na segunda, o uso da força, pura e simplesmente, ignora e dispensa a própria lei. É esta a lógica internacional em que opera a administração Trump.

Mas em 2025, a lógica foi de contenção: a operação foi limitada nos objectivos e nos meios. Os ataques foram cirúrgicos e os alvos estritamente militares. Como a resposta iraniana foi contida e com aviso prévio. Agora, pelo contrário, a lógica foi de extensão: o objectivo foi muito além dos alvos militares, da degradação das instalações nucleares e das infraestruturas de mísseis balísticos. O objectivo foi, declaradamente, político e visou a decapitação do regime: do líder supremo e de boa parte da elite política e militar. Isto é, visou a mudança de regime.

Ora é aí que tudo muda. Uma mudança de regime para ter sucesso impõe condições muito mais exigentes. Impõe, em primeiro lugar, uma operação militar de grande envergadura com enormes capacidades militares que, como se viu, não faltam aos EUA. Mas não se consegue apenas com ataques aéreos e exige, normalmente, mais do que isso, botas no terreno. Como os exemplos históricos da Alemanha e do Japão depois da segunda guerra ou do Afeganistão recentemente, bem demonstraram. Ora, botas no terreno é tudo o que ninguém quer e muito menos os apoiantes MAGA de Donald Trump.

Mas a mudança de regime exige, em segundo lugar e, sobretudo, um interlocutor e um plano político para a transição. Sob pena do país caminhar para o caos ou para a guerra civil, como os exemplos históricos do Iraque ou da Líbia também demonstraram. Quem é o interlocutor? E qual é o plano político? Ora, é esse interlocutor e esse plano que não se vislumbram.

Depois de decapitar o regime Trump incitou à revolta popular e apelou à rua iraniana para que tomasse o poder. A morte do líder supremo abala o regime, mas não o derruba imediatamente. Este é um regime resiliente, pensado para durar e que planeou ao pormenor os mecanismos de redundância da sucessão do poder. Não lhe falta capacidade de regeneração.

Por outro lado, boa parte da população está exausta com a crise económica, revoltada com a repressão política e farta das imposições religiosas. Mas parece ainda longe uma oposição unida e organizada que possa constituir uma alternativa política. Virá do exílio, ou do interior? E neste caso, quem ganhará a luta de poder que se trava nos bastidores do regime? Radicais ou moderados? Clérigos ou militares?

Não é certo o futuro do regime, mas é certo que mantém as capacidades de segurança interna para reprimir a revolta da rua, como mantém as capacidades militares para estender o conflito regional e provocar um enorme impacto económico global. Se cair ninguém terá saudades da ditadura teocrática dos *ayatollahs*.

Trump teve a possibilidade da diplomacia, mas escolheu a guerra. Apelou à mudança de regime, mas não preparou a transição política. Soube começar, mas perdeu o controle e não sabe como vai acabar. É o princípio do “logo se vê”.

E todos vamos pagar o “logo se vê”, isto é, sofrer as suas consequências. A Europa não ficará imune: à instabilidade nas suas fronteiras; aos fluxos migratórios; ao choque energético e às suas consequências económicas e monetárias. Os europeus não foram vistos nem achados no desencadear da guerra, mas sofrerão as suas consequências. Condenaram sem ambiguidade a retaliação iraniana. Talvez fosse prudente afastarem-se sem ambiguidade do ataque americano.

<https://www.publico.pt/2026/03/04/opiniao/opiniao/principio-logo-ve-2166706>